



## FRONTEIRAS ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: O CASO DO SANTUÁRIO DE DEMÉTER E KORÉ EM ACROCORINTO

MARIANA FIGUEIREDO VIRGOLINO<sup>1</sup>

Em nossa pesquisa de mestrado<sup>2</sup> nos dedicamos ao estudo do santuário dedicado a Deméter e Koré localizado na acrópole da *pólis* de Corinto. Trata-se de um sítio com mais de 7.000 m<sup>2</sup>, escavado nas décadas de 1960 e 1970 por arqueólogos da *American School of Classical Studies At Athens*. O terreno começou a ser espaço de atividades rituais no entre os séculos VIII e VII a.C e o santuário possui várias características interessantes que o diferenciam de outros complexos dedicados a Deméter, dentre as quais destacamos ser o santuário com maior número de *hestiatoria* (salas de banquete) já escavadas. No Período Clássico (séculos V e IV a.C) mais de duzentas pessoas poderiam ser abrigadas ao mesmo tempo nas salas de banquete (VIRGOLINO, 2013: 154). Também o volume de objetos votivos ali recolhidos foi impressionante: mais de vinte e quatro mil figuras votivas foram contadas, catalogadas em quatrocentos e oitenta lotes (BOOKIDIS & STROUD, 1997: xx), e esse número não inclui os vasos votivos e a cerâmica utilizada no ritual do banquete que ali ocorria. Com o fim da pesquisa, concluímos que o santuário era um *lugar antropológico*<sup>3</sup> onde as mulheres coríntias construía e demonstravam para a *pólis* seu pertencimento ao corpo cívico tanto pela prática do banquete, ocorrida no espaço público, quanto pela

---

\*Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Mestre e graduada em História pela mesma instituição. Graduada em Direito pela Universidade Estácio de Sá. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>1</sup> O presente trabalho retoma temas abordados em nossa dissertação de mestrado “*Fertilidade e Prosperidade na Ástý de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*”, defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima.

<sup>2</sup> Cf. AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2010.

valorização de atividades domésticas femininas, expostas pelas oferendas votivas dispostas naquela localidade religiosa.

Nas fontes clássicas as mulheres gregas, especialmente as casadas e bem-nascidas, são apresentadas sob as luzes de um modelo idealizado: casta, quieta, reclusa e fiel a seu marido. Suas tarefas são aquelas destinadas ao conforto da família: fiar e cuidar da casa. A grande virtude de uma *gyné* seria sua obediência a seu marido, a quem estava subordinada. Temos então o modelo *melissa* (abelha), a esposa ideal, definido da seguinte maneira por Neyde Theml (2003:279): “A mulher abelha era aquela que casava jovem e permanecia fiel ao seu marido. Vivava em silêncio no interior de sua casa, administrando os seus bens, educando os filhos; proferindo o culto doméstico. Era especializada no fiar, no tecer e no bordar”.

Textos como os de Hesíodo, Aristóteles e o *Econômico* de Xenofonte ao mesmo tempo em que argumentam sobre o caráter inferior da mulher aludem às qualidades próprias do gênero. O local de poder (*arché*) feminino seria o *oikos*, e seu alcance se daria através do casamento. No *Econômico*, a esposa é colocada como uma “associada no governo da casa” (referência). Cabe ao marido educá-la para que a administração do *oikos* seja bem-sucedida. Isômacos, no diálogo que trava com Sócrates, afirma que não precisa passar seus dias no espaço fechado, pois sua mulher era capaz de gerir a casa (XENOFONTE, *Econômico*, VII, 3-6). A tarefa principal da mulher bem-nascida, assim, é exercer a gestão da casa, antes mesmo de ser mãe. Entre as atividades domésticas exercidas pelas esposas destacamos a tecelagem e a supervisão dos escravos.

No santuário de Deméter e Koré em questão, a casa como *lócus* feminino por excelência é evidenciada pelo epíteto sob o qual Deméter era ali honrada: *epoikidia* (senhora da casa). Pausânias nos conta que o santuário de Deméter e Koré em Sicione, *pólis* vizinha a Corinto, teria sido fundado por Plemneu (Plemnaios), neto de Poseidon, cujos filhos morriam após o nascimento. Deméter dele se apiedou e se dirigiu a Egialeia, no território de Sicione sob o disfarce de uma mulher estrangeira, e criou Ortopolis, o filho deste, que veio a sucedê-lo. Talvez esse mito tenha sido famoso naquela região, pois o epíteto da deusa em Corinto se associa bem a ele: ela possibilitou que a família e a linhagem do rei tivessem continuidade, mantendo a ordem na *pólis* (PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia*, 2.11.2.). A denominação sob o qual Deméter era honrada no santuário demonstra a importância do *oikos* e da família, sendo representada nas oferendas ali encontradas, que eram principalmente *kalathiskoi*, vasos para guardar lã e frutas e que era símbolo de fertilidade. Em nosso entender, as benesses que

os cultuadores procuravam obter ao frequentar o santuário eram a abundância de grãos, fertilidade para os campos, para as mulheres e uma boa vida familiar. As figuras votivas representando crianças que foram encontradas no local nos fazem crer que Deméter e Koré em Corinto, além de seu caráter agrícola eram protetoras da família e da maternidade.

As salas de banquete são as estruturas que mais despertam interesse no estudo do sítio arqueológico. Foram escavadas cerca de 15 salas referentes ao Período Arcaico e mais de 20 ao Período Clássico. A refeição comunal que ocorria após a morte do animal era, segundo Pauline Schmitt Pantel, não apenas uma prática cultural, servindo ainda como expressão da comunidade política, sendo um critério de cidadania (SCHMITT PANTEL, 2011: IV). Comer em conjunto, na Grécia, era marca de participação no corpo cívico e, assim sendo, vemos que as mulheres coríntias encontravam maneiras de se mostrarem como membros pertencentes à cidade através desses rituais. Defendemos que dos banquetes que ocorriam no santuário participavam mulheres de todas as camadas sociais. Cremos que a tirania Cypsélida (séculos VII e VI a.C) tentou dirimir a influência dos cidadãos ricos horizontalizando algumas das práticas que lhes destacavam socialmente, ou seja, tornando-as acessíveis aos membros menos abastados da comunidade. No espaço sagrado em questão mulheres de diversas condições econômicas veneravam as deusas Deméter e Koré, que ali eram patronas da casa e da fertilidade, construindo e reforçando sua identidade como grupo ao enfatizar a esfera doméstica e as atividades que lá eram realizadas.

A religião coríntia possuiu características marcadamente aristocráticas e a prática do banquete se mostra como elemento de suma importância nesse sentido. Oswyn Murray afirma que as modalidades de beber e comer refletem e reforçam o sistema social de maneiras complexas e também criam e mantêm uma série de valores culturais (MURRAY, 1994:5). Podemos ver esses valores nos objetos que foram encontrados nas *hestiatoria*, feitos para a alimentação e consumo de vinho<sup>4</sup>.

Havia vários modos de comensalidade na Antiga Grécia: a refeição comunal militar, como a *syssitia* espartana; a festividade religiosa; a refeição pública dada pela *pólis* como

---

<sup>3</sup> Abundam como oferendas votivas no santuário durante o Período Arcaico miniaturas de vasos utilizados durante o banquete: *oinochoai* (jarras para vinho), *skiphoi* (taças com duas alças), *amphoriskoi* (pequenas ânforas), *hydriai* (vasos para água), *kotylai* (taça para vinho), entre outros. Cf. BOOKIDIS, N. & STROUD, R.S. *Corinth, Volume XVIII, part III: The Sanctuary of Demeter and Kore – Topography and Architecture*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1987.

sinal de honra; o *symposion* pelo prazer, entre outras (MURRAY, 1994: 6). Uma das características mais apontadas pelos que estudam o sacrifício na religião grega é o caráter masculino da comensalidade. Isso pode ser verdade em banquetes privados, promovidos no *andron* e com a presença de *hetairai*, mas tal afirmação não pode ser estendida, em nosso entender, à comensalidade em ambientes públicos. Nas *Thesmophória* atenienses as mulheres comiam juntas e reproduziam instâncias políticas da cidade. Na *Haloa* – outro festival ateniense à Demeter – elas também se alimentavam em conjunto. Elas não podiam manejar o instrumento da morte do animal ofertado em sacrifício, a *machaira* (faca sacrificial), mas tinham acesso às carnes provenientes dessa ação. Assim sendo, não podemos concordar com a posição defendida por Marcel Detienne, para quem as mulheres estavam em regra apartadas dos altares e da distribuição das viandas sacrificiais. Mulheres solteiras, na visão do helenista belga, estariam condenadas a uma dieta vegetariana, uma vez que não teriam acesso à vianda provinda do sacrifício por não serem esposas de cidadãos, e toda carne comestível viria desse ritual (DETIENNE, 1989: 129-147). É uma posição deveras radical. Assentimos com Robin Osborne, para quem o sacrifício alcançava partes da sociedade que não eram granjeadas somente pelos homens, atingindo também domínios do feminino. As mulheres não estavam, em regra, excluídas de comer as carnes dos sacrifícios. Quando estavam tratava-se de algo específico de um culto, como o de Hércules, por exemplo, geralmente interdito a mulheres. As exclusões variavam de cidade para cidade (OSBORNE, 2000: 294-316). No universo da *pólis* havia grupos cujos membros sacrificavam juntos (ARISTOTELES. *Política*, 1280b) e as mulheres podiam constituir conjuntos desse tipo. Percebemos isso quando vemos a grande quantidade de salas de banquete no santuário objeto do nosso estudo de mestrado. As *hestiatória* são muitas, mas o número de pessoas que cada uma abriga é pequeno, cerca de sete ou oito convivas, mostrando que diferentes grupos as utilizavam ao mesmo tempo, e faziam isso a fim de consumir os produtos dos sacrifícios por eles oferecidos.

As *póleis* dórias eram mais tolerantes que as jônicas no que tange às liberdades feminis. Em Esparta as mulheres participavam da comensalidade religiosa junto com os homens em certos festivais (POMEROY, 2002: 108-110). Em Corinto poderia ocorrer a mesma coisa. Assim como havia *hetareiai* masculinas, grupos femininos cujos membros se encontravam ligados por laços de *philia* (KONSTAN, 2005: 130) também existiam e praticavam rituais.

A dimensão sagrada dos banquetes se manifesta de duas formas: na natureza dos alimentos consumidos e em razão do grupo social, que acredita que o fato de comer e beber



conjuntamente possui conotações religiosas. As carnes ingeridas no banquete tinham origem no sacrifício (SCHMITT PANTEL, 2011: 7-8) e a refeição comunal, ao mesmo tempo em que relembra uma época onde deuses e homens conviviam e repartiam os mesmos alimentos, marca a separação entre o divino e o humano. Traça também a relação entre os humanos reunidos para o ritual, uma vez que a distribuição da vianda está relacionada ao *status* social. A análise da cerâmica e dos textos literários do Período Arcaico, conforme nos esclarece Pauline Schmitt Pantel (1994:24)

“(…) não nos permite reconstruir uma única forma do banquete aristocrático ou reconhecer a primazia do *symposion* ou do banquete sacrificial. Isso nos convida a distinguir entre diferentes práticas que coexistiam e geralmente até se aglutinavam, cada uma das quais tinha sua própria função na cidade e contribui para uma definição de um código aristocrático de valores”

Destarte, deve-se ter em mente que as diversas formas de comensalidade eram “rituais de convivência” e faziam parte das instituições cívicas da *pólis*. Esses ritos estavam inseridos no sistema de dom e contradom que caracterizava as relações da aristocracia arcaica e funcionavam como o meio para definir e expressar a cidadania. Na visão de Schmitt Pantel, as práticas coletivas como caçar, atividades militares e as formas de comensalidade marcam o pertencimento ao grupo cívico, sendo parte essencial do que os gregos conheciam como domínio público (*tó koinón*) (SCHMITT PANTEL, 1994: 24-25). Em princípio essa cidadania era para poucos, para os bem-nascidos, mas com o avançar das transformações históricas ela foi estendida. Vernant trabalhou de forma exemplar esse processo de publicização do pensamento e das instituições gregas<sup>5</sup>.

Segundo Ross Shepard Kraemer, os festivais religiosos femininos, a principal forma de atividade pública para as mulheres bem-nascidas – uma vez que as mulheres menos abastadas estavam no espaço público colaborando com seus maridos para o sustento da casa – podem ser entendidos como algo preocupado com outros assuntos além da fertilidade e continuidade da sociedade grega, pois proporcionavam ocasiões para o reforço das expectativas masculinas acerca do comportamento feminino apropriado. Nas *Thesmophoria*, por exemplo, esperava-se garantir a fertilidade feminina. Os ritos proporcionavam

---

<sup>4</sup> Cf. VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2009. Ideias expressas especialmente nos capítulos III e IV.

divertimento e permitiam que as mulheres compartilhassem da companhia uma das outras, mas também se caracterizavam como arena para a competição de *status* entre elas (KRAEMER, 1992: 28). Assim como os homens aristocratas competiam entre si e eram iguais, o mesmo ocorria entre as mulheres e uma forma de demonstrar sua posição social e disputar estaria na disposição de objetos valiosos e na comensalidade praticada no santuário, lugar privilegiado de exposição e construção identitária.

As estruturas arquitetônicas do local permitiam que apenas grupos reduzidos pudessem realizar os rituais, o que reflete a os valores aristocráticos da *pólis* coríntia, que perduraram mesmo tendo sido combatidos pela tirania cypselida. Ao mesmo tempo em que mulheres de diferentes estratos sociais comiam juntas, compartilhando a condição de cidadãs, realizavam um ritual caro à aristocracia e a divisão em grupos diminutos reduzia a interação entre elas. Sua identidade como mulheres, esposas e mães era construída e reforçada, mas as distinções sociais também eram acentuadas. Constatamos em nossa pesquisa que a prática do banquete feminino no espaço público do santuário tinha efeitos semelhantes ao seu análogo masculino: construir e permitir o reconhecimento do status de membro da comunidade políade. A comensalidade no espaço público do santuário era, portanto, para as mulheres coríntias que frequentavam os rituais ali realizados marca de pertencimento à cidade. Lembremos ainda que o ritual de casamento na Grécia Antiga envolvia a comensalidade entre os noivos. O banquete que ocorre na casa do noivo após o cortejo sela a transição da noiva para um novo estado, o de mulher casada. Mais uma vez, vemos que a comensalidade na Grécia Antiga significa integração e reconhecimento de uma posição social.

Diversos objetos encontrados ligam o culto ali praticado à esfera doméstica, ao casamento, à maternidade e à fertilidade. Ao frequentar o santuário as mulheres coríntias se faziam presentes no espaço público da *pólis* externando aspectos e atividades da vida privada. Elas se mostravam ativas se identificando com os papéis que a cidade esperava que desempenhassem e assim se reconheciam e se faziam perceber como elementos cruciais na manutenção do cotidiano da cidade. O espaço doméstico era percebido como feminino, era um lugar no qual a mulher tinha posição proeminente, onde mostra suas qualidades e técnicas. Levando aspectos dessa esfera para o lugar público que era o santuário elas explicitavam para a *pólis* seu papel na preservação da *eunomia* (boa ordem), valor caro à *pólis* coríntia (PÍNDARO. *Olímpicas*, XIII, v.5-10).

Durante o Período Arcaico e Clássico uma das oferendas votivas mais comuns no santuário de Deméter e Koré em Acrocorinto eram *kalathiskoi*, miniaturas do vaso/cesto *kalathós* (BOOKIDIS & STROUD, 1987:17), conforme já mencionamos. Essa forma de oferenda era tão numerosa (os arqueólogos não conseguiram catalogar todos, pois ultrapassam 2.000 unidades) que N. Bookidis e R.S. Stroud, arqueólogos que dirigiram as escavações do sítio arqueológico, acreditam que esses vasos deviam ter alguma função especial nos ritos praticados no santuário. De fato, o *kalathós* era um vaso que simbolizava a fertilidade. Ele poderia ser feito de diversos materiais, de terracota a madeira, bem como metais preciosos e era utilizado como cesta para guardar lã ou frutas. Era um dos símbolos empregados, juntamente com a cornucópia, as romãs, os porcos, entre outros, para representar a fertilidade na linguagem da “arte” grega (FARNEL, 1909:244). Possuíam ligação tanto com Deméter quanto com Dionisos e representavam duas das principais atividades femininas no *oikos*, colher frutas e a tecelagem.

Vários objetos para a tecelagem estavam presentes no santuário: além dos *kalathiskoi* havia pesos para tear e *epinetra/epinetroi*, artefatos que eram apoiados sob os joelhos a fim de preparar a lã para então tecê-la. Conforme nos diz Sue Blundell a maioria dos tecidos era feito pelas mulheres, dentro de casa (BLUNDELL, 1995:26). Esses objetos eram de uso feminino, apoiados sobre as pernas pelas mulheres atenienses a fim de evitar que a gordura da lã estragasse suas roupas durante a tecelagem. Era um presente de casamento costumeiro e usualmente ofertado a Atená, mas também encontrado nos santuários de Deméter e Koré em Selinunte, Eleusis, Cirene e nos de Ártemis no Brauron e no Pireu (KOUSSER, 2004:101). Os pesos para tear ofertados como às deusas e achados no santuário são também outra mostra da conexão entre Deméter e Koré e as atividades domésticas em Corinto. As cenas típicas representadas nos *epinetroi/epinetra* são de mulheres trabalhando a lã em conjunto, uma atividade que todas exerciam, independentemente de sua posição social. Mulheres da família e da vizinhança poderiam se reunir para realizar a tecelagem, pegar água, lavar a roupa e colher frutas. Em vários vasos elas são representadas fiando em conjunto, o que nos faz crer que é possível que essas mulheres, que se reuniam para as tarefas domésticas, também pudessem frequentar e oferecer sacrifícios em conjunto no santuário.

Segundo Elizabeth Pemberton, arqueóloga responsável pelo relatório da cerâmica grega achada no santuário, fragmentos de *lekanides* são encontrados em quase todos os extratos das *hestiatoria* (PEMBERTON, 1989:39). Esses vasos eram geralmente decorados

com cenas representando o casamento e utilizados para guardar pequenos objetos ou cosméticos, sendo um presente frequente para as noivas (OAKLEY & SINOS, 1993: 38). Outros fragmentos de vasos ligados à celebração de bodas ou de uso na toailete feminina foram encontrados: *pyxis*, *lekythos*, *aryballos* e *lebes gamikos*. As *hydriai* achadas no santuário têm conexão não apenas com o banquete e a comensalidade, mas também com pegar água em poços e fontes, o que era uma tarefa feminina (DILLON, 2002:25). Através dos vasos podemos perceber que as deusas estavam envolvidas na vida cotidiana das frequentadoras daquela espacialidade religiosa. Ao dedicarem esses objetos no espaço público do santuário elas evidenciavam a importância de suas atividades diárias para a harmonia de seus lares e famílias e, conseqüentemente, da *pólis* coríntia. A manutenção da paz doméstica era fundamental para a preservação da *eunomia*<sup>6</sup> na cidade.

Se o que distinguia um cidadão na época arcaica era a atividade guerreira, as mulheres fizeram reconhecer seu pertencimento à cidade por meio de práticas e de cultos que enfatizavam sua relevância para a *pólis*. Nesse sentido, Deméter e Koré, divindades que em Corinto não zelavam apenas pela fertilidade, mas pela família e o casamento, garantiriam a demonstração do cumprimento da “cidadania religiosa” pelas mulheres por intermédio da vinculação à ideologia dominante: promover as bodas, gerar filhos legítimos e cuidar deles e da casa a fim de dar continuidade ao grupo social. O espaço do santuário se revela como ideal para a atividade que é sinônima do *status* cidadão, o banquete. Assim como os camponeses passam a participar de banquetes públicos por colocar sua vida à disposição da *pólis*<sup>7</sup>, o mesmo ocorre com a população feminina, que gera filhos para suprir o corpo hoplítico da cidade.

A devoção dos seguimentos femininos às deusas nos permite identificar uma preocupação constante com o papel que as mulheres deveriam exercer no interior do *oikos*. Os ritos praticados pelas mulheres destacavam suas experiências como filhas, mães e esposas. Tais ritos, portanto, marcavam bem as ‘passagens’ e as etapas nas vidas das mulheres de Corinto (VAN GENNEP, 1978). De jovem/donzela (*koré*), sob a proteção do pai, ela era

---

<sup>5</sup> Agrada-nos a definição de *eunomia* dada por Jean-Pierre Vernant: “a divisão equitativa dos cargos, das honras, do poder entre os indivíduos e as facções que compõem o corpo social”. Cf. VERNANT, *op.cit.*, p.79.

<sup>6</sup> Vernant defende que a revolução hoplítica equipara os que podem se armar à elite guerreira, possuidora de cavalos, possibilitando que os primeiros adquiram o status da cidadania e possam participar das magistraturas. Cf. VERNANT, *op.cit.*, p.66-69.





preparada para o casamento e passa a ser uma *nýmpe* até o momento em que a maternidade lhe proporcionava o *status* de ‘esposa legítima’ (*gyné*) (MOSSÉ, 1983:52).

Os objetos votivos que eram depositados no santuário ligavam-se ao casamento, ao lar e suas atividades, bem como à maternidade e à fertilidade. Assim, as mulheres coríntias se faziam presentes no espaço público da *pólis* justamente ao enfatizarem as obrigações que a ideologia patriarcal políade esperava que elas dessem cumprimento para manter a *eunomia*. Nesse sentido, a escolha do santuário de Deméter para a instalação da prática do banquete feminino em Corinto é ideal: trata-se de uma deusa que preza pela ordem, deu aos homens a agricultura, tirando-os da selvageria. Os rituais à deusa provocam uma dissolução temporária nas fronteiras entre o público e o privado e, dessa maneira, provocam a inversão da ordem ao mesmo tempo em que a reforçam, garantindo o bom andamento da vida cotidiana da *pólis*.

#### **Bibliografia:**

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2010.

BLUNDELL, S. *Women in Ancient Greece*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.

BOOKIDIS, N. & STROUD, R.S. *Corinth, Volume XVIII, part III: The Sanctuary of Demeter and Kore – Topography and Architecture*. Princeton: American School of Classical Studies at Athens, 1987.

DILLON, M. *Girls and Women in Classical Greek Religion*. Londres: Routledge, 2002.

FARNELL, Lewis Richard. *The Cults of the Greek States, volume V*. Oxford: Clarendon Press, 1909.

KOUSSER, Rachel. “The World of Aphrodite in the Late Fifth Century B.C.” In: MARCONI, C. (ed.) *Greek Vases: Images, Contexts and Controversies - Proceedings of the Conference sponsored by The Center for the Ancient Mediterranean at Columbia University, 23–24 March 2002*. Leiden: Brill, 2004.

KRAEMER, Ross Shepard. *Her Share of the Blessings: Women’s Religions Among Pagans, Jews, and Christians in the Greco-Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

MOSSÉ, C. *La Femme dans la Grèce Antique*. Paris: Albin Michel, 1983.



OAKLEY, J.H & SINOS, R.H. *The Wedding in Ancient Athens*. Madison: University of Wisconsin Press, 1993.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Trad. W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A., in 4 Volumes. Cambridge: Harvard University Press, 1918.

PEMBERTON, Elizabeth G. *Corinth, Volume XVIII, part I: The Sanctuary of Demeter and Kore – The Greek Pottery*. Atenas: American School of Classical Studies at Athens 1989.

PINDAR. *Olympian Odes; Pythian Odes*. Trad. W.H. Race. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

SCHMITT PANTEL, Pauline. “Sacrifice Meal and Symposion” In: MURRAY, O (org.). *Symptica: A symposium on the symposion*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *La Cité au Banquet: Histoire des Repas Publiques dans les Cités Grecques*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2011.

THEML, Neyde. O casamento na aldeia e as relações de vizinhança na *pólis*. *Phoînix*, Rio de Janeiro, ano IX , 2003, pp.276-304.

VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VIRGOLINO, Mariana F. *Fertilidade e Prosperidade na Ásty de Corinto: O Santuário de Deméter e Koré nos Períodos Arcaico e Clássico*. 2013. 251 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2013.

XENOPHON. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposion. Apologia*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.